

O uso de obras de referência no letramento de estudantes da educação básica

Use of works of reference in literacy of students of basic education

por [Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque e Isabel Cristina Michelin de Azevedo](#)

Resumo: O presente artigo retoma o conceito de obra de referência para indicar, entre outras, quatro obras que possibilitam realizar um trabalho sistemático e formativo desde a educação básica. A análise das características de cada uma, considerando as modalidades impressas e on-line, permite identificar condições favoráveis para a organização de um trabalho voltado para o desenvolvimento do letramento e do letramento informacional que requer condições para o exercício de capacidades de linguagem e de ação por parte dos alunos. Para tanto, é importante compreender que as aprendizagens devem considerar os conhecimentos e as experiências que os alunos trazem para a aula (herança cultural), que estimulem a participação ativa de cada um e que possibilitem a aplicação de conteúdos procedimentais em diferentes perspectivas educacionais. **Palavras-chave:** Obras de referência. Enciclopédia. Dicionário. Letramento. Letramento informacional..

Abstract: This article revisits the concept of reference work to indicate, among others, that make possible a systematic and formative work since basic education. The analysis of the characteristics of each one, printed and on-line modes, allows to identify favorable conditions for the organization of work aimed at developing literacy and information literacy that requires conditions for the exercise of language skills and action by students. Therefore, it is important to understand that learning is facilitated by activities that take into account the knowledge and experiences that students bring into class (cultural heritage), that encourage the active participation of each and that allow the application of procedural content in different educational perspectives. **Keywords:** Reference Works. Encyclopedia. Dictionary. Literacy. Information literacy.

Introdução

O contínuo crescimento dos fluxos de informação em escala global provoca a reflexão acerca do papel da informação e do conhecimento na sociedade contemporânea, bem como das formas de organização e registro das ideias e dos processos de circulação. Há consenso no fato de a grande produção de informação requerer o desenvolvimento de estratégias para encontrar informação pertinente e confiável em diferentes materiais, por isso se faz importante discutir o papel das obras de referência na educação básica. Com tantas possibilidades para encontrar informações, torna-se importante escolher fontes seguras e de fácil acesso, em especial, quando não se conhece bem sobre o assunto investigado. Nesse sentido, as obras de referências constituem-se em opção confiável, pois possuem o aval de especialistas das áreas de conhecimento, além de possibilitarem consulta pontual, rápida e informativa.

Após a invenção da imprensa, com a multiplicação dos livros, buscava-se organizá-los de forma a tornar a informação acessível. As enciclopédias, dicionários, atlas e bibliografias

surgiram a partir do início do período moderno, em especial no século XVIII. A quantidade de material produzido provocou a especialização, por isso começaram a surgir bibliografias nacionais como a *Bibliothèque Française* (1584), depois as bibliografias por assunto. Nesse período, surgiram ainda obras específicas para determinado público, como para o clero, os comerciantes e médicos (Burke, 2003). Em uma perspectiva socio-histórica, observa-se que as consequências decorrentes da organização dos novos materiais de consulta produziram mudanças sociais e discursivas que impactaram a sociedade letrada. Isso porque introduziram novas práticas e eventos de letramento, que afetaram significativamente os usos e as funções da escrita.

As obras de referências trazem esclarecimentos quanto às palavras, aos nomes, aos assuntos e à localização da informação. Possibilitam visão geral sobre um assunto, por isso são usadas de maneira pontual e não lidas do princípio ao fim. Em geral, organizam-se por ordem alfabética para facilitar o acesso aos conteúdos (*vocábulos, conceitos, símbolos*), abrangem uma variedade de fontes de informação, tais como dicionários, enciclopédias, anuários, podem ser impressas ou digitais, e de âmbito geral ou específico. Existem dicionários especializados em sociologia, filosofia, educação; atlas universal ou regional. A figura 1 mostra as principais características das obras de referência.

Figura 1: Características principais das obras de referência



Fonte: elaboração própria

Um ponto importante para selecionar a obra de referência adequada é verificar os objetivos, que podem atender a leitores com perfis diferenciados. Além disso, é preciso conhecer os mecanismos de organização das obras. Apesar de constar informações sobre o arranjo (*a organização*) e como usar o material no início ou final de cada obra de referência, tais informações podem não ser suficientes para a aprendizagem dos recursos. Nesse sentido, é importante que as pessoas aprendam a usar as obras de referência de forma sistematizada, contextualizada e crítica. Para tanto, profissionais da informação, principalmente os atuantes em bibliotecas escolares e universitárias, bem como educadores, precisam conhecer as características e os aspectos importantes vinculados ao ensino das obras de referência. Tais exigências permitem reconhecer que o desenvolvimento do letramento e do letramento informacional na educação básica requer promover condições para que estudantes possam participar de práticas sociais de leitura e escrita, considerando não apenas as características peculiares de cada material, mas principalmente os processos para buscar, avaliar e interpretar as fontes, bem como compreender as finalidades dos usos da informação. Em função disso, o presente artigo descreve as principais obras de referência e diretrizes para o uso delas na educação básica. Para tanto, apresenta informações gerais e a importância de cada uma, aspectos históricos, características relativas à organização e aos aspectos relacionados aos processos de

ensino-aprendizagem. Não pretende fazer abordagem exaustiva, mas propiciar material de estudo e reflexão, em especial para os profissionais atuantes na Ciência da informação e Educação, visto que publicações científicas sobre o assunto são escassas.

Principais obras de referência

Foram reunidas neste tópico, quatro obras de referência com maior potencial para serem usadas na educação básica, quais sejam, dicionários, enciclopédias, Wikipédia e almanaques.

Dicionários

Dicionário ou léxico é uma listagem ou conjunto de palavras que formam uma língua, ou que são próprias de uma ciência ou arte. As palavras aparecem em ordem alfabética com os respectivos significados, uso, etimologia na mesma língua ou em outra. Pode ser publicado em meio impresso ou digital. Atualmente, existem muitos dicionários disponíveis para consulta gratuita on-line, por exemplo, o Dicionário Aulete, Michaellis – em língua portuguesa e bilíngue, Dicio, dentre outros, bem como aqueles que podem ser acessados mediante assinatura como o dicionário Houaiss. As principais funções de um dicionário vinculam-se à definição do significado, à ortografia das palavras e ao domínio da área de conhecimento; informação da origem (latim, grego, árabe, alguma outra língua antiga ou empréstimo de alguma língua estrangeira moderna); apresentação da categoria gramatical da palavra (*substantivo, verbo, pronome*) e outros aspectos gramaticais (gênero, número); auxílio ao estudo de uma língua estrangeira, bem como a contribuição para uniformizar e manter a unidade da língua.

Os dicionários podem ser classificados em gerais, enciclopédicos e especializados. Os primeiros são obras de caráter genérico. Os enciclopédicos apresentam informações gerais sobre nomes comuns e próprios, informações de caráter histórico, geográfico, científico, cultural etc, além da significação das palavras. Por sua vez, o dicionário especializado destina-se a fornecer maior número de informações em uma área específica. O dicionário geográfico, por exemplo, enumera nomes de cidades, países, ilhas, lagos e outros acidentes geográficos, fornecendo breve descrição dos mesmos. O dicionário biográfico relaciona nomes de pessoas famosas. Entre os dicionários especializados, também podem ser incluídos os bilíngues, que fornecem a tradução das palavras de uma língua para outra língua, como, por exemplo, os dicionários de português-francês, italiano-alemão, inglês-espanhol e russo-polonês. Há também os multilíngues que associam palavras em mais de duas línguas.

Os verbetes do dicionário apresentam, em geral, definição ou conceito das palavras; indicações de grafia; separação silábica; pronúncia; classe gramatical do vocábulo e tipo de flexão ou, para os verbos, regência; as acepções em que o vocábulo pertence a outra classe gramatical ou gênero, em que um verbo tem outra regência; ortoépia (*forma de acentuação das palavras*); etimologia, com menção da língua de origem e do étimo mais antigo; uso do vocábulo ou de suas acepções (*popular, gíria, etc*); indicação das preposições mais usadas nas regências relativas ou indiretas; sinônimos. Em todos os casos são, em geral, apresentados exemplos de uso. ([Enciclopédia Delta Universal](#), 1991).

Sabe-se que a atribuição de sentidos às palavras é uma atividade de categorização do mundo. Por meio dela, o sujeito, ao avaliar a variabilidade de objetos, pessoas, situações, divide o conhecimento da realidade em partes que podem ser reconhecidas em diferentes

situações, incluídas em classes de realidades ou excluídas delas, considerando uma perspectiva *léxico-cultural* compartilhada socialmente. Dessa forma, ao confrontar-se com as acepções indicadas nos dicionários, os estudantes necessitam compreender os traços essenciais escolhidos para distinguir um sentido de outro em determinado espaço-tempo. Nesse momento, devem acionar as concepções de mundo, social e historicamente construídas, de que se apropriaram para fazer associações aos conteúdos indicados e, ainda, mobilizar posicionamentos discursivos para vincular os sentidos propostos àqueles que são pertinentes à maneira como cada um vê a realidade e inscreve-se nela. Mais uma vez, observa-se uma condição de estudo da realidade que requer práticas específicas de letramento, sendo pouco provável a capacidade de participação dos estudantes nessas práticas sem a mediação do professor, em particular.

Isso indica a importância de os profissionais da educação e da biblioteconomia, conhecerem as possibilidades de trabalho com o letramento informacional, pois é necessário capacitar os estudantes para localizar informações e selecionar as mais pertinentes em relação ao trabalho realizado. Além disso, em diversas práticas de leitura e escrita, os estudantes são requisitados a agir com desenvoltura no uso de diferentes ferramentas de acesso à informação, na análise de conteúdos e na vinculação dos novos conhecimentos aos propósitos estabelecidos.

De acordo com [Lara](#) (1992), os dicionários representam a memória coletiva da sociedade e possibilitam maior eficácia na comunicação humana. As palavras e a estrutura lógica utilizadas para formar ideias e pensamentos resultam da capacidade humana de comunicar, aprender e trocar ideias. Os significados dos signos, sempre marcados por uma visão sócio-histórica e cultural dos sujeitos, e o arranjo lógico devem ser conhecidos pelo idealizador do material e pelos usuários para haver comunicação. Quando se faz um levantamento dos tipos de dicionários disponíveis no mercado, fica evidente a variedade de estruturas que precisam ser conhecidas pelos estudantes, que podem contar com o recurso do dicionário para diferentes finalidades.

O dicionário constitui-se ferramenta simbólica que permite convalidar e promover a linguagem aceita e valorizada na comunidade, propiciando base para trocas de ideias e experiências. Contudo, vale considerar, como argumenta [Biderman](#) (2006) que apesar de essas obras serem produzidas para armazenar o patrimônio lexical da língua em determinado momento histórico-social, esse ideal é intangível, visto que o léxico se desenvolve rapidamente e em processo contínuo incessante, vinculado ao uso da língua. Exemplifica que nem mesmo os maiores tesouros lexicográficos compilados, por exemplo, a edição de 1983 do Webster (500 mil verbetes), conseguiram registrar a totalidade do acervo lexical. A origem dos dicionários, como listas de palavras de uma língua, remonta ao aparecimento da escrita, cerca de três mil anos antes de Cristo. Os sumérios elaboravam várias listas vinculadas aos interesses práticos da vida cotidiana, por exemplo, inventários de patrimônios, registro de eventos importantes. O objetivo era preservar informações necessárias para as atividades essenciais no cotidiano das sociedades. A listagem de palavras é a base de todo dicionário ([Auroux](#), 2008).

Os primeiros dicionários com definições foram produzidos no século XVI, após a invenção e popularização da imprensa. Eram glossários bilíngües, resultantes principalmente da interação dos diversos povos europeus. Entre os séculos XVI e o XVIII, surgiram dicionários das línguas vernáculas, como os de italiano, francês, espanhol,

português e de várias outras línguas européias. O Renascimento Europeu (XIV a XVI) foi período com significativa produção de dicionários e gramáticas de diversas línguas do mundo (Biderman 2003). No Brasil, a história das línguas e dos instrumentos linguísticos vincula-se diretamente à colonização. As primeiras listas eram palavras português-tupi e tupi-português com nomes de plantas e animais, de partes do corpo humano, de objetos da cultura indígena, dentre outras. Posteriormente, deram origem aos dicionários bilíngues português-tupi elaborados pelos jesuítas dos séculos XVI ao XVIII. A expulsão dos jesuítas do Brasil, em 1759, e o surgimento das Reformas Pombalinas, que introduziram as concepções iluministas em Portugal e no Brasil, foram o contexto para elaboração do primeiro dicionário monolíngue da língua portuguesa, o Dicionário da Língua Portuguesa (1789), por Antonio de Moraes Silva, com introdução de palavras brasileiras. No final do século XIX, surgem os dicionários de brasileirismos, mas somente no século XX, aparecem os primeiros grandes dicionários monolíngues brasileiros de língua portuguesa, que reproduzem a língua falada no Brasil (Nunrs, 2010). O trabalho com dicionários, principalmente na educação básica, é fundamental para ampliação do conhecimento lexical dos estudantes e para a compreensão dos processos de uso da linguagem em determinadas situações comunicativas. Esse trabalho é complexo e necessita ser planejado de acordo com as finalidades de uso da linguagem.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), vinculado ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) do Ministério da Educação – Brasil, distribuiu, desde 2000, dicionários para os estudantes da educação básica. Existem críticas aos critérios de seleção adotados pelo PNLD, contudo o fato de os dicionários serem distribuídos de acordo com faixas etárias pode ser considerada uma iniciativa inédita. Tão importante quanto o contato com os dicionários, é a forma de aprender a usá-los. De acordo com [Nogueiro](#) (1999), o dicionário é o elemento mais exigido na escola e o menos utilizado espontaneamente pelos estudantes, o que provoca a inquietação em saber por que isso acontece. Muitas vezes, é requisitado o uso em situações nas quais seria mais adequado pedir a introdução do significado pelo contexto. Isso remete os estudantes a outras palavras menos significativas e mais desconhecidas para eles. Além disso, o professor em geral não ensina o aprendiz a utilizar essa ferramenta, com o argumento que ele aprenderá usando. No entanto, o trabalho com dicionários requer introduzir os estudantes nos mecanismos de construção, que apesar de parecerem simples, são mais complexos. Na obra *Dicionários em Sala de aula*, [Rangel e Bagno](#) (2006) sugerem atividades para o uso dos dicionários. Elas se iniciam com as noções da estrutura do dicionário, do gênero e da funcionalidade. Em seguida, abrangem o vocabulário e o léxico. Os autores recomendam não reduzir as atividades de ensino-aprendizagem dos dicionários a simples exercícios, independentes do contexto, mas inseridas em situações que suscitem demandas típicas da linguagem em uso.

[Nunes](#) (2010) argumenta sobre a necessidade de compreender os dicionários como produto de práticas reais em determinadas conjunturas sociais. O dicionário deve ser visto como discurso sobre a língua, mais especificamente sobre as palavras ou sobre um setor da realidade, em certas condições sociais e históricas. Compreender que o dicionário não assume um discurso neutro, abre espaço para a crítica por parte do leitor ou consulente. O autor sugere que na escola se poderia despertar o gosto pela escrita da palavra de várias formas, dando margem para que o sujeito se situe diante das várias possibilidades de produzir discursos com as palavras, ou seja, para que a relação com as palavras e os discursos que as sustentam faça sentido para eles e para que aquilo que eles produzem se inscreva na história.

Enciclopédias

Enciclopédia, do grego *encyclopaedia*, significa literalmente “*círculo do aprendizado*”, por se referir originalmente ao currículo educacional. Posteriormente, o termo foi aplicado aos livros organizados de forma similar ao sistema educacional, com o objetivo de auxiliar os estudantes das instituições do ensino superior ou fornecer informações aos autodidatas. Na Idade Média e início da Renascença, as enciclopédias eram compiladas por professores universitários (Burke, 2003). A história da enciclopédia tem raízes na antiguidade, quando os estudiosos precisavam encontrar informações necessárias em manuscritos e pergaminhos espalhados por várias partes do mundo. Alguns elaboravam o próprio livro de referência por meio de cópias de citações de obras de outros autores. Outros copiavam informações de fontes variadas, organizavam e apresentavam-nas de acordo com a ordem que lhes parecia melhor, porém dispunham de meios reduzidos para a verificação da exatidão da informação. Esses materiais constituem os ancestrais da enciclopédia ([Enciclopédia Delta Universal](#), 1991).

Algumas enciclopédias da idade média continuaram a ser usadas e reeditadas no início do período moderno, abrangiam os mundos da natureza, da doutrina, da moralidade e da história. As enciclopédias do século XVI também eram organizadas por temas, que correspondiam, muitas vezes, às dez disciplinas da universidade medieval, quais sejam, gramática, lógica e retórica, denominada Trivium; aritmética, geometria, astronomia e música, o quadrivium, além da ética, metafísica e filosofia natural, conhecidas como as “*três filosofias*” (Burke, 2003). Em 1751, editou-se o primeiro volume da Enciclopédia por Denis Diderot e Jean le Rond d’Alembert, uma obra que usava imagens para facilitar a compreensão e a apresentação dos temas e era organizada sob a forma de árvore, inspirada na proposta do filósofo inglês Francis Bacon. A obra continuou a ser elaborada ao longo dos anos, porém, depois de 1759, a maioria dos colaboradores desistiu do projeto, por isso os editores recorreram a uma equipe menor e menos célebre para redigir os dez últimos tomos dos textos, concluídos em 1772. Em certo sentido, a produção dessa enciclopédia foi a mais próxima das existentes hoje, visto que as atuais contam com editores que organizam cuidadosamente o material e exigem precisão. Além disso, apresentam informação para um público amplo e diversificado. (Chevé 2001).

Uma mudança profunda na organização das enciclopédias, a ordem alfabética, ocorre a partir do século XVII. O método tradicional de organização do conhecimento era o temático, com característica mais orgânica, no sentido de encorajar os leitores a perceber os elos entre as diferentes disciplinas ou especialidades. Burke (2003) argumenta que a mudança não pode ser compreendida como questão de menor para maior eficiência, mas de visão de mundo. As enciclopédias tradicionais eram inadequadas para consultas rápidas dos leitores que procuravam tópicos específicos, por outro lado o fato de ordenar o conhecimento em lista alfabética de palavras incentivava a fragmentação do conhecimento. Posteriormente, a organização em ordem alfabética tornou-se menos problemática com o uso de referências cruzadas a outros verbetes relacionados. Atualmente, as enciclopédias apresentadas no formato digital não têm a ordem alfabética como recurso essencial para a localização das informações. Apesar disso, esse modo de organização permanece produtivo e bastante usual em várias situações sociais, o que justifica o ensino desde as séries iniciais da educação básica. As enciclopédias, por fornecerem informações sobre assuntos variados, dependem para a sua produção, do trabalho conjunto de profissionais de diversas áreas. Exige, ainda, grandes investimentos financeiros por parte do editor para se manter atualizada. A enciclopédia Barsa, por

exemplo, é uma obra eletrônica atualizada mensalmente no Brasil por uma equipe de mais de 750 especialistas.

A segurança do trabalho de especialistas, contudo, parece representar pouco para estudantes em formação, que valorizam mais a facilidade de acesso às informações do que a precisão ou confiança dos conceitos ou ideias pesquisadas, por isso as atividades com enciclopédias devem ser ampliadas com a participação dos estudantes, em variados eventos de letramento, que permitam *experienciar* o quanto essa diferenciada condição de produção pode impactar positivamente as práticas escolares. As enciclopédias podem abordar assuntos gerais ou mais específicos. No primeiro caso, são mais abrangentes e, no segundo, fornecem informações mais detalhadas e técnicas sobre áreas específicas do conhecimento. As enciclopédias em versão impressa são organizadas por volumes. Em geral, um ou dois volumes são dedicados ao índice, compreendido como lista alfabética de verbetes com a localização da página. Na lombada de cada volume, vêm indicadas as letras referentes à localização do assunto tratado. Para consultar verbetes em enciclopédias mais abrangentes é necessário fazer a busca pelo índice ao invés de ir diretamente ao verbete. Isso porque o verbete pode estar contido em outros. Além do índice, outro recurso que permite ampliar a pesquisa é a remissiva, isto é, uma referência que leva à outra. Nas enciclopédias que não contém índices, os verbetes podem ser localizados por ordem alfabética, por meio das letras referentes aos assuntos, as quais situam-se na lombada de cada volume. Em um tutorial para usar as enciclopédias, o Centro de Competência TIC da Universidade de Évora enumera as facilidades de uso do recurso:

- *organização que possibilita localizar rapidamente a informação necessária;*
- *palavras servem como guias, situadas no alto das páginas, o que proporciona rápido acesso aos assuntos;*
- *os títulos e subtítulos são destacados em negrito no centro ou no campo esquerdo das colunas;*
- *os assuntos são organizados alfabeticamente;*
- *as ilustrações são sempre combinadas com textos para atingir eficácia na comunicação;*
- *como são elaboradas por equipe de especialistas, proporciona informação mais confiável.*

Durante décadas, as enciclopédias mantiveram publicações impressas, algumas abrangendo vinte ou mais volumes. Eram atualizadas pelo livro do ano. A tendência contemporânea são as enciclopédias em versão digital. Um exemplo disso, foi o anúncio, em 2012, sobre o encerramento da versão impressa da *Encyclopedia Britannica* ([Barafouse, 2012](#)). É importante destacar, por fim, que o uso dessa fonte de referência precisa passar necessariamente por uma análise crítica dos materiais produzidos por todos os especialistas. Os estudantes precisam perceber, também por meio de práticas de letramento e letramento informacional, que o efeito de objetividade, observado nessas obras, é uma construção social e discursiva apoiada em crenças, interesses, bases teóricas selecionadas, ideologias etc.

Wikipédia

Enciclopédia on-line, multilíngue, colaborativa e de licença livre. O termo Wikipedia, criado por Sanger, conjuga a expressão havaiana wiki – rápida - que designa as

tecnologias para criação de sites colaborativos e o sufixo do termo enciclopédia, do grego *paidea*, que significa educação integral. O projeto iniciado em janeiro de 2001, em língua inglesa, possui, em 2014, mais de 26 milhões de artigos escritos de forma colaborativa, por voluntários ao redor do mundo, a maioria deles amadores. A wikipédia afasta-se do modelo tradicional por não ser escrita por grupo de especialistas responsáveis por filtrar informações, hierarquizá-las e apresentá-las de forma clara e concisa ao leitor, mas possui regras para postagem e edição de artigos, os quais podem ser retirados do ar, caso não estejam dentro dos padrões do portal ([Wikipédia](#), 2013). A Wikipédia diferencia-se das enciclopédias tradicionais na organização e classificação dos saberes por não adotar sistema de ordenação de assuntos, o qual se apresenta em equivalência, isto é, sem hierarquização. A inexistência de um princípio classificador muda a concepção do ‘saber enciclopédico’, uma vez que verbetes novos como ‘Pokémon’ poderia ter a mesma extensão ou ser maior do que o verbete sobre o filósofo alemão Kant, por exemplo ([Scotta](#), 2009).

O site da [Wikipédia](#) (2013) alerta aos leitores sobre o fato de os conteúdos dos verbetes não serem revisados sistematicamente e que os leitores não têm obrigação legal de revisá-los. Portanto, não há garantia de que as informações sejam precisas, mais ainda, podem conter conteúdos ofensivos. Além disso, não há revisão por especialistas, contratos entre voluntários e o site, marcas registradas ou outros direitos. Por isso, a wikipédia exime-se de danos causados em consequência do uso das informações contidas nas páginas, na medida em que se trata de uma associação voluntária de indivíduos, criada para gerar diversas fontes de material educacional e informativo on-line. De acordo com verbete “wikipédia”, disponível no próprio portal da enciclopédia colaborativa, os textos são atualizados rapidamente, com inclusão de assuntos não acadêmicos como verbetes sobre bandas, atletas e celebridades. Além disso, informa que algumas escolas e professores orientam os estudantes a produzirem e postarem textos sobre conceitos científicos de forma clara e objetiva para leitores iniciantes, o que se constitui em um bom recurso para melhorar a aprendizagem. Por outro lado, informa que há críticas de especialistas sobre inconsistências, peso excessivo dado à cultura popular, confiabilidade e precisão. Outras críticas apontam a suscetibilidade ao vandalismo e à adição de informações falsas ou não verificadas. Apesar desses problemas, o argumento em prol da wikipédia fundamenta-se em pesquisa comparativa realizada pela revista *Nature* ([Hannay](#), 2005) ao apresentar que os artigos científicos da wikipédia e Encyclopædia Britannica tinham o mesmo nível de precisão e taxa semelhante de “erros graves”.

Por tudo isso, recomenda-se intencionalidade e cuidado no uso da referida ferramenta, em especial, quando se exige informação precisa. Uma forma de tornar a pesquisa na Wikipedia mais confiável é verificar as referências citadas na criação dos artigos, que ficam no final da página. Ou seja, a origem dos dados pode ser buscada nos links da referência. Existem textos de qualidade na Wikipédia, mas para saber se são confiáveis é preciso conhecer bem o assunto. O pesquisador [Andrew Keen](#), autor da obra “*O culto do Amador*” (2009), denomina “*curadoria*”, o trabalho executado por alguém com autoridade e conhecimento para escolher informação precisa, relevante e útil. Na obra, argumenta sobre os riscos do esvaziamento da autoridade dos especialistas a favor de uma cultura de amadores e “*palpiteiros*”. O uso da Wikipédia requer cautela e a necessidade de verificar as referências citadas nos artigos no final da página. A enciclopédia pode ser útil, especialmente para buscar verbetes de assuntos atuais, de âmbito geral, mas nunca deve-se constituir em fonte única de consulta para pesquisas acadêmicas.

Portanto, a falta de segurança das informações solicita práticas diferentes das que podem ocorrer no manuseio das enciclopédias. A análise comparativa das mesmas informações em fontes diversas, por exemplo, é uma ação possível, mas bastante exigente, por isso necessita estar inserida em complexos processos de ensino-aprendizagem. Enquanto domínio cognitivo, a comparação é uma operação mental que supera o nível básico do conhecimento e contribui para a compreensão das ideias, possibilitando entender os significados da informação ou dos fatos em diferentes contextos. Pode ser aplicada em situações variadas, permitindo transferir conhecimentos a novas situações. Enfim, ao comparar informações, faz-se o exame das partes de um todo para entender suas inter-relações, o que requer criar condições para a ocorrência de práticas específicas, que tenham valor dentro e fora da escola.

Almanaque

Os almanaques são publicações anuais com vários tipos de informações, por exemplo, calendário, datas históricas, fases da lua, curiosidades, dados populacionais, aspectos geográficos, dentre outros (Viana 1998). Os primeiros almanaques continham previsões feitas por astrólogos persas da Antiguidade. Mais tarde, os almanaques apareceram em Roma, e mais adiante na América colonial no séc. XVII. No séc. XIX, tornam-se extremamente populares e são publicados por jornais ou mesmo pelos governos contendo, por exemplo, receitas de comida, primeiros-socorros, informações sobre ferimentos e mordida de cobra, previsões do tempo e quebra-cabeças. As mais antigas cópias de almanaques existentes hoje são dos séc. XIV e XV. Os almanaques modernos datam da invenção da imprensa e contêm informações gerais. No Brasil, foram muito populares os almanaques Capivarol e Biotônico Fontoura. Jornais, grupos religiosos, organizações comerciais ou de profissionais publicam almanaques com informação especializada. Um exemplo típico é o Almanaque Militar, publicado no Brasil desde 1829. (Enciclopedia Delta 1991)

Esse tipo de publicação foi bastante utilizado no período pré-internet por estudantes da educação básica, em especial, aqueles cujas famílias não podiam investir em boas enciclopédias, devido aos altos preços. Isso porque, tradicionalmente, os professores pediam pequenas pesquisas para serem realizadas em casa, assim, os almanaques constituíam-se fonte de pesquisa com informações, em geral, confiáveis e de baixo custo. O almanaque pode ser um recurso muito útil de aprendizagem. Em um artigo para *Homeschool World*, Blumenfeld (2007) explica que os almanaques atuais são mini enciclopédias que podem ser usadas como referência rápida para os fatos. Destaca, ainda, a importância do Almanaque Americano como uma das melhores fontes de dados históricos para o estudante da história Americana. Isso por apresentar compilação anual de fatos e números do país.

Vários planos de aula em língua inglesa sobre o uso de almanaques foram encontrados na internet, de maneira geral, e mais especificamente no site “Resources for school librarians”. Os planos de aula, em geral, definem como objetivos de Aprendizagem os itens: compreender o que é almanaque e os tipos de conteúdos que contém; compreender a organização do almanaque; saber como usar as informações de um almanaque e diferenciar os almanaques gerais dos especializados. Existem vários almanaques especializados na internet e também em versão impressa, por exemplo, almanaque dos anos 70, almanaque do samba, almanaque do choro, dentre outros. Um problema que vale ressaltar é que alguns almanaques, disponíveis na internet, contêm informações sem referências, o que impossibilita verificar a confiabilidade dos assuntos.

Um almanaque de interesse para estudantes e cidadãos em geral é o *Almanaque da Cultura Popular*. O material pode ser acessado gratuitamente pela internet. O site contém textos humorísticos, curiosidades, informações sobre personalidades, blogs e muito mais. A busca pode ser realizada ao clicar nos assuntos organizados na página principal ou por meio de palavras-chave inseridas no campo de busca, situado na parte superior.

Possibilidades para o uso das obras de referência nos processos de ensino-aprendizagem

As obras de referência, citadas ao longo do artigo, são importantes fontes de informação. Ensinar os estudantes a usar tais recursos de forma adequada às diferentes necessidades pessoais e acadêmicas deve ser uma preocupação educacional, em especial pelo uso indiscriminado e pouco reflexivo que os estudantes fazem dos recursos em geral e da internet, em particular, como fonte de pesquisa. De acordo com [Keen \(2009\)](#), milhões de pessoas podem usar os computadores para publicar qualquer coisa. Os blogs e os vídeos, por exemplo, são inúmeros e com tantas informações erradas, que confundem o leitor em relação ao que tem fundamento ou não. Além disso, vale ressaltar que o mecanismo de busca do Google reflete o interesse das pessoas. Quanto mais pessoas clicam em um link, mais ele aparece em buscas subsequentes, isto é, a ordenação reflete o que os usuários leem e não o julgamento especializado de quem estuda o assunto. Ao longo do texto, foram apresentadas considerações pedagógicas sobre cada obra de referência, mas cabe ainda buscar sintetizar os principais aspectos encontrados na literatura educacional para orientar o ensino-aprendizagem das obras de referência. Para tanto, buscou-se fundamentação em autores como [Perraudau \(2009\)](#), [Zabala \(1998\)](#) e [Bransford, Brown e Cocking \(2007\)](#).

Ao se pensar em aprendizagem, é importante conhecer os fatores que mais influenciam o referido processo. De acordo com a pesquisa coordenada por [Bransford, Brown e Cocking \(2007\)](#) acerca do desenvolvimento da ciência da aprendizagem, um dos marcos dessa nova ciência é a ênfase na aprendizagem com entendimento, cujas características são: *1) os conhecimentos/conceitos prévios, as habilidades, as crenças e as experiências dos aprendizes revelam as percepções que possuem sobre o mundo e as pessoas e são determinantes para haver novas aprendizagens, pois os homens são vistos como agentes ativos na busca da informação, guiados por objetivos. 2) a compreensão de fatos e ideias no contexto do arcabouço conceitual, bem como a organização do conhecimento com vistas à recuperação e aplicação das informações. 3) a metacognição como processo de pensar a própria aprendizagem, o que capacita os aprendizes à análise das tarefas que realizam e ao monitoramento dos níveis de domínio e compreensão.*

Essas constatações podem atuar como diretrizes para o professor planejar as ações didáticas, pois, como afirma [Perraudau \(2009\)](#), em uma lógica de ensino-aprendizagem há correlação entre as estratégias dos professores e dos estudantes, quando se pretende estabelecer um processo interativo que inclua comportamentos (*visíveis*) e estruturas de pensamento (*não-visíveis diretamente*). Neste artigo, considera-se que tal processo necessita incluir as relações interpessoais e sociais, que tornam interdependentes professores e estudantes. [Perraudau \(2009\)](#), ao abordar as estratégias de aprendizagem, enumera três aspectos importantes referentes às modalidades de transmissão da informação e à postura do professor nas interações educativas com os estudantes. A primeira diz respeito ao papel e aos meios dos quais o professor dispõe para ajudar o aprendiz a mobilizar procedimentos, fazer escolhas e modificar aquilo que não é importante para o processo de aprendizagem. Esse esforço pode se fundamentar na

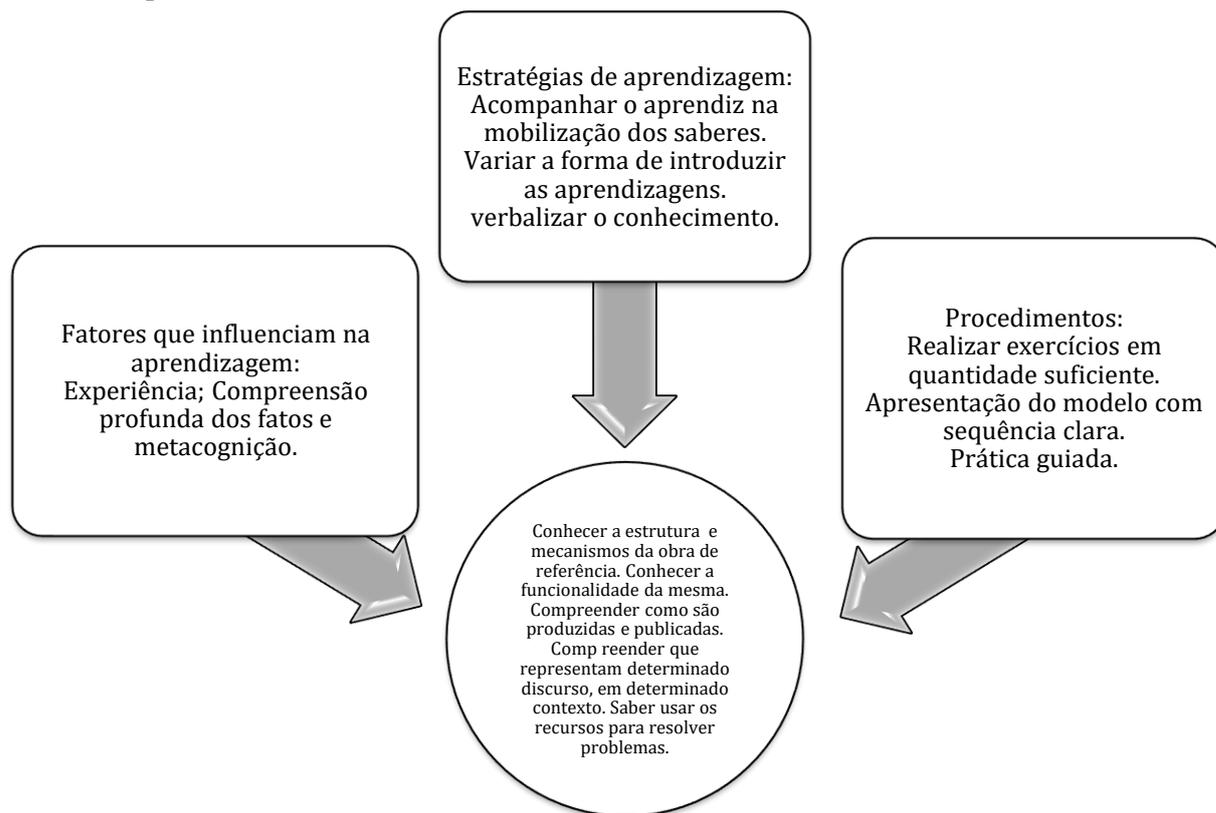
diferenciação das situações e dos suportes. Assim, o professor deve considerar a importância do aprendiz compreender o sentido da atividade desenvolvida. O fato de a atividade relacionar-se com a disciplina escolar não é suficiente, se estiver desvinculada da realidade social, da experiência e do projeto do estudante. Como consequência, os estudantes não se envolvem com a atividade e realizam procedimentos sem reflexão. Por isso, é tão importante variar os instrumentos, recursos e modos de aprendizagem para construir uma cultura que não seja exógena, mas comum a todos da classe.

O autor também ressalta a necessidade de variação das formas de introduzir o conteúdo aos aprendizes, que pode ocorrer por meio de abordagens dedutiva e lógica, filosófica, indutiva, narrativa, ou ainda estética. Por fim, o terceiro aspecto diz respeito aos dispositivos microgenéticos que permitem a verbalização do aprendiz em relação às suas aprendizagens e ainda o debate científico, pois são aqueles que levam o aprendiz a verbalizar os conhecimentos adquiridos. “*Micro*” refere-se a um estudante em particular e “*genéticos*” visam revelar a origem dos procedimentos realizados pelo sujeito para resolução da tarefa proposta. Ao se reconhecer que as obras de referência possuem natureza predominantemente procedimental, isto é, são conteúdos estreitamente vinculados ao saber-fazer, cabe ressaltar aspectos de ensino-aprendizagem associados diretamente a essa característica. [Zabala](#) (2009) argumenta que para desenvolver procedimentos os estudantes necessitam realizar exercícios suficientes e progressivos das diferentes ações que organizam cada um deles, incluindo especialmente as técnicas ou estratégias que decorrem de situações significativas e funcionais.

Outro ponto importante diz respeito à apresentação de modelos para que os aprendizes possam ter ideia do processo como um todo e dos passos ou das ações que os compõem. Observa-se que, ao participar de eventos de letramento, os estudantes terão a oportunidade de interagir com pessoas que podem ter mais vivências nas práticas sociais, devido às experiências acumuladas, por isso podem se constituir como mediadores dos processos de aprendizagem. Também propõe atentar para a sequência de ensino que deve clara e ter uma ordem que siga um processo gradual. Após o contato com os modelos, o professor, por exemplo, deve propor atividades diversificadas e relacionadas ao procedimento para proporcionar aos aprendizes a possibilidade de receber auxílio de colegas que estão em diferentes graus de desenvolvimento, bem como a prática de situações orientadas que auxiliem a assunção, de forma progressiva, do controle, da direção e da responsabilidade da execução.

A partir das discussões dos aspectos que integram processos de ensino-aprendizagem, tratados ao longo deste artigo, identificam-se alguns pontos essenciais para que o trabalho com as obras de referência faça sentido aos estudantes e possa servir como recurso importante para as práticas pedagógicas que visam formar sujeitos autônomos para realizar estudos e participar ativamente na sociedade. A figura 2, a seguir, sintetiza esses elementos e indica as finalidades que tal trabalho pode incorporar.

Síntese das possibilidades de trabalho com obras de referência



Fonte: elaboração própria

A síntese proposta indica que os fatores que influenciam a aprendizagem estão associados às práticas discentes, que estabelecem relação de interdependência com as estratégias de ensino. Para que capacidades discursivas e socioculturais sejam desenvolvidas, os profissionais que trabalham com obras de referência precisam combinar esses três grupos de fatores, tendo em vista as finalidades educacionais que são projetadas para a educação básica. Essas considerações indicam que um trabalho planejado para o uso de obras de referência requer a reunião de conhecimentos específicos a cada uma, a seleção de metodologias diferenciadas e, principalmente, a organização de práticas sociais que favoreçam aprendizagens situadas em contextos específicos.

Considerações finais

Ao selecionar obras de referências presentes há muito tempo nas escolas, este artigo pretendeu retomar características conhecidas por alguns profissionais, mas que nem sempre estão associadas às práticas pedagógicas realizadas na educação básica e indicar caminhos para uma renovação do uso dessas obras na perspectiva do letramento e do letramento informacional. Também procurou indicar que os modos de ser letrado variam tanto no espaço educativo quanto em outros espaços sociais, incluindo os espaços digitais. Ao longo do texto, procurou-se ressaltar a importância de as atividades escolares permitirem participação ativa dos estudantes no manuseio, no uso e na aplicação das informações obtidas pela pesquisa em obras de referência. Isso significa que não devem assumir a postura de meros cumpridores de tarefas, mas necessitam refletir acerca da constituição, da estrutura, da abrangência, das características discursivas, das políticas que influenciam a existência, a circulação e a relevância das obras em diferentes contextos e, principalmente, da relação das informações com diferentes situações da vida cotidiana, o que exige uma visão interdisciplinar.

Contribuir para a formação de estudantes que tenham condições para transitar com segurança pelas modalidades da linguagem escrita presentes nas obras de referência, sabendo identificar as várias possibilidades de uso na sociedade letrada e as funções sociais da língua, é um esforço de grandes proporções que estimula o trabalho conjunto de profissionais de diferentes áreas. Também impulsiona a organização de eventos de letramento, para que a linguagem escrita seja interpretada e produzida em interações sociais. Como o letramento relaciona-se à apropriação de conhecimentos que constituem a cultura letrada, e o letramento informacional, por sua vez, a busca e ao uso eficaz e eficiente da informação, a escola possui papel relevante na constituição de sujeitos letrados e críticos, capazes de participar com autonomia em práticas sociais que envolvem a escrita. Além disso, precisa proporcionar diálogo entre os conhecimentos culturais para favorecer a constituição de identidades dos sujeitos que são oriundos de diferentes grupos sociais. Diante dessas considerações, este artigo pretende participar dos estudos que devem ter continuidade acerca das possibilidades de uso das obras de referência no letramento de estudantes em formação na educação básica.

Referências Bibliográficas

ALMANAQUE DA CULTURA POPULAR. Disponível em: <<http://www.almanaquebrasil.com.br/index.php>>. Acesso em: 08 jun. 2013.

SOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARY. Information literacy competency standarts for higher education. Chicago: ALA, 2000.

AUROUX, Sylvain. A Revolução Tecnológica da Gramatização. Campinas: Unicamp, 1992.

BARIFOUSE, Rafael. O papel das enciclopédias. Revista Época, São Paulo, 16 mar. 2012. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2012/o-papel-das-enciclopedias.html>>. Acesso em: 16 mai. 2013.

BRANSFORD, John D.; BROWN, Ann L.; COCKING, Rodney R. (Org). Como as Pessoas Aprendem. São Paulo: Senac, 2007.

BARSA SABER. Disponível em: <<http://brasil.planetasaber.com/novelty/sumary/default.asp?pk=126>>. Acesso em: 20 ago 2013.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O conhecimento, a terminologia e o dicionário. Cienc. Cult., São Paulo, v. 58, n. 2, Junho 2006. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 Jun. 2013.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dicionários do português: da tradição à contemporaneidade. Alfa, São Paulo, v.47, n.1, p. 53-69, 2003. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4232/0>>. Acesso em: 18 mai. 2013.

BLOOM, B. S. et al. Taxonomy of educational objectives. New York: David McKay, 1956. 262 p. (v. 1)

BLUMENFELD, Sam. The American Almanac: A Great Learning Tool. Practical Homeschooling, 76, 2007. Disponível em: <http://www.home-school.com/Articles/the-american-almanac-a-great-learning-tool.php>. Acesso em: 04 abr. 2014.

BURKE, Peter. Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CHEVÉ, Joelle. A Enciclopédia, recenseamento do saber. História Viva. São Paulo: Duetto Editorial, [201-?]. Disponível em: http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/a_enciclopedia_recenseamento_do_saber.html. Acesso em: 15 mai. 2013.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS - DICIO. Disponível em: www.dicio.com.br/. Acesso em: 16 mar. 2014.

ENCICLOPÉDIA DELTA UNIVERSAL. Rio de Janeiro: Delta, 1991. v. 2, v.5 GRANDE DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA (c 2012). Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br>. Acesso em: 20 de jun. 2013.

DICIONÁRIO AULETE. [201-?]. Disponível em: <http://aulete.uol.com.br>. Acesso em: 19 mai. 2013.

KEEN, Andrew. O Culto do Amador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. 208 p.
LARA, L. Fernando. Sociolinguística dei dicionario dei espanol de México. international Journal of the Sociology of Language, Berlim, n.96, p.19-34, 1992.
MICHAELLIS MODERNO DICIONÁRIO ON-LINE. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/>. Acesso em: 20 mai. 2013.

NOGUEIROL, A. Aprender na Escola – Técnicas de Estudo e Aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 1999.

NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 2000.
NUNES, José Horta. Dicionários: história, leitura e produção. Revista de Letras da UCB, v.3, n. 1/2, dez, 2010. Disponível em: <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/viewFile/1981/1305>. Acesso em: 20 mai. 2013.

PERREAUDEAU, Michel. Estratégias de aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2009.

RANGEL, Egon de Oliveira; BAGNO, Marcos. Dicionários em sala de aula. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/polleidicio.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2013.

RESOURCES FOR SCHOOL LIBRARIANS. Disponível em: <<http://www.sldirectory.com/index.html#top>>. Acesso em: 04 abr. 2014.

SCOTTA, Larissa. Da enciclopédia e da Wikipédia: uma leitura discursiva. *Artefactum – Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia* 71 ano 2, n. 22, fev. 2009. Disponível em: <<http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/15>> Acesso em: 16 de out. 2013.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

UNIVERSIDADE DE ÉVORA. Como usar a Enciclopédia? Disponível em: <http://www.minerva.uevora.pt/bib-es-campo-maior/docs/usar_enciclopedia.pdf>. Acesso em: 22 set. 2013.

VIANA, Maria Cecília Monteiro. Pesquisa Escolar: Uso do livro e da biblioteca - dicas de estudo. São Paulo, 1998.

WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipédia:Página_principal>. Acesso em: 04 abr. 2014.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Como citar:

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias; AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de. O uso de obras de referência no letramento de estudantes da educação básica. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, fev. 2015. Disponível em: <http://dqz.org.br/fev15/Art_04.htm>. Acesso em: 18 jun. 2015.